

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**YNAÊ COSTA MATIAS**

**A FORMAÇÃO DOCENTE E A MODALIDADE EJA:  
REFLEXÕES DE EX-ESTAGIÁRIAS**

Porto Alegre  
2021/2

**YNAÊ COSTA MATIAS**

**A FORMAÇÃO DOCENTE E A MODALIDADE EJA:  
REFLEXÕES DE EX-ESTAGIÁRIAS**

Trabalho de curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia. Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura de Pedagogia.

**ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aline Lemos da Cunha Della Libera**

Porto Alegre  
2021/2

**YNAÊ COSTA MATIAS**

**A FORMAÇÃO DOCENTE E A MODALIDADE EJA:  
REFLEXÕES DE EX-ESTAGIÁRIAS SOBRE A PRÁXIS**

Trabalho de curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia. Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura de Pedagogia.

Avaliado em 10 de maio de 2022.

---

Profa. Dra. Aline Lemos da Cunha Della Libera – Orientadora

---

Profa. Dra. Daniele Noal Gai – Avaliadora (DEE – Área de Educação Especial)

---

Prof. Rafael Arenhaldt – Avaliador (DEE – Área de EJA)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela vida, por ter conseguido realizar meu sonho de cursar Pedagogia na UFRGS.

Agradeço e dedico esse trabalho a minha avó Almerinda, que infelizmente não está entre nós, porém acreditou na minha capacidade e me apoiou desde o primeiro momento, tanto financeiramente como psicologicamente.

Agradeço a minha família por estar ao meu lado durante todos esses anos de graduação, pelo apoio com passagem, livro, xerox, alimentação e outros, por me incentivarem até a reta final.

Agradeço também à minha sogra Patricia, que foi minha super apoiadora e entrou nessa comigo, me incentivando, orientando, obrigada, Preferida, por toda ajuda.

Agradeço à minha orientadora Aline, maravilhosa, a quem eu só posso ser grata, por todo apoio, paciência, por nossas conversas e por me deixar sempre tranquila que no final tudo iria dar certo.

Agradeço aos meus amigos, namorado e família, por compreenderem a minha ausência muitas vezes e pelo incentivo de muitos.

Agradeço, também, à UFRGS pelos professores que fizeram parte da minha trajetória, aos professores da EJA e da Educação Especial que foram minhas inspirações para o tema deste trabalho. Agradeço aos meus colegas e amigas pela parceria durante todo esse nosso percurso por aqui.

Por fim, não menos importante, agradeço a todas as instituições de ensino que me acolheram esses anos, pelas aprendizagens que me proporcionaram, aos alunos que muitos fazem parte da minha vida pessoal até hoje. Agradeço à MERI, minha aluna querida de inclusão, que foi minha inspiração para que esse trabalho fosse realizado, porém virou uma linda estrela no céu. Esse trabalho é por ela e por todos os educandos com deficiência, na EJA.

Minha trajetória não termina aqui é somente o início de um caminho lindo pela frente.

**VÓ ESSE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO É POR TI E PRA TI.  
TE AMO.**

## RESUMO

O presente estudo trata da formação inicial docente no curso de Pedagogia, analisando a abordagem das temáticas relativas à EJA e às pessoas com deficiência nesta modalidade. Esse estudo tem como objetivo analisar a experiência de estágio de ex-estudantes de Pedagogia da UFRGS, que realizaram o estágio na modalidade EJA, em turmas onde havia pessoas com deficiência. Este estudo originou-se nas observações da pesquisadora sobre este tema, em escolas da rede pública de Porto Alegre. Por sua vez, as experiências de estágio aqui analisadas ocorreram em uma escola da rede estadual de ensino, em turmas de EJA em que havia pessoas com deficiência. No âmbito metodológico foi realizado um grupo focal com três ex-estagiárias, através da Plataforma Google Meet. O referencial teórico trouxe o pensamento de autores e autoras como Freire (2001; 2014), Haas (2016), Nogueira (2020), Pinho (2021), Santos (2021), Reis e Girardello (2021) e Saraiva (2021). Os principais resultados apontam para o fato de que a formação continuada é importante para a vida profissional do docente, pois o curso de graduação é o início da caminhada. Ademais, ressalta que a orientação de estágio é fundamental que as lacunas percebidas durante o curso sejam superadas.

**Palavras-chave:** Formação docente; Educação de Jovens e Adultos (EJA), Pessoas com deficiência na EJA.

*“Ensinar exige respeito, aos saberes dos educandos”. (FREIRE, 1996)*

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	11
<i>Educação de Jovens e Adultos e deficiência</i> .....	11
<i>Formação docente e EJA: inicial e continuada</i> .....	12
<b>METODOLOGIA</b> .....	16
<b>ANÁLISE DE DADOS</b> .....	20
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	28
<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</b> .....	30
<b>APÊNDICE: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	32

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo abordar a formação docente no Curso de Pedagogia, com foco na modalidade EJA. Essa modalidade é destinada para alunos com idade mínima de 15 anos para ensino fundamental e 18 anos para ensino médio. Na EJA existem jovens e adultos com e sem necessidades especiais. Nesta pesquisa, busco compreender e analisar a importância de uma formação inicial docente qualificada, para o processo do discente no estágio e na vida profissional. O tema abordado surgiu através de minhas observações feitas em duas escolas: uma da rede municipal e outra da rede estadual de Porto Alegre. A escola Estadual localizada no município de Porto Alegre atende alunos de 1º ao 9º do ensino fundamental, turnos manhã e tarde e, à noite, na modalidade EJA (totalidades iniciais e finais), esses alunos com idade entre 15 e 80 anos. A escola da rede estadual que visitei tinha um diferencial por trabalhar com turmas voltadas especificamente para alunos com deficiência na modalidade da EJA, buscando a alfabetização, preparando-os para o ingresso no ensino médio e/ou no mercado de trabalho. A proposta pedagógica aos alunos com deficiência, nesta escola, é torná-los críticos, criativos, autônomos e independentes, tendo sempre suas limitações e, também, suas potencialidades respeitadas. A escola apresenta quatro professores com a formação específica em educação especial para atender essa demanda.

A escola municipal que visitei e que me inspirou a realizar a pesquisa aqui apresentada está localizada em Porto Alegre e atende alunos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental, nos turnos da manhã e tarde e, à noite, na modalidade EJA (totalidades iniciais e finais), com idades de 15 até 80 anos. A escola não tem classe especial e os alunos da educação especial frequentam a sala de aula regular. A escola não tem professores com formação específica na Educação Especial.

A necessidade de um olhar mais acolhedor e atento para esses alunos da EJA, principalmente os que têm deficiência, me fez avaliar e pesquisar sobre a importância de recursos e materiais adaptados. Esses alunos, muitas vezes esquecidos pela sociedade, necessitam de professores qualificados para trabalhar com Jovens e Adultos, considerando suas histórias de vida (geralmente marcadas pela violação de direitos) e os desafios, como a resistência existentes à sua presença na sala de aula e/ou na escola comum. Nessas escolas que visitei, foi



possível observar uma defasagem: a falta de recursos humanos e materiais. Pelas observações realizadas, alguns professores poderiam buscar recursos de fácil acesso e custo, além de atividades que pudessem contribuir para o desenvolvimento desses alunos, porém compreendo que a falta de materiais na escola também pode ser uma questão para os professores não conseguirem, por vezes, atender a demanda escolar dos estudantes com deficiência. Os estudantes com deficiência apresentam suas necessidades e, para isso, se faz necessário um planejamento diferenciado, que exige comprometimento do professor. Contudo, compreendo que, muitas vezes, o professor não tem um suporte pedagógico de qualidade para auxiliá-los. Em minhas observações foi possível perceber que ter aluno jovem e adulto com deficiência, na sala de aula, cria uma demanda maior para o professor da turma e, muitas vezes, há recusa do próprio aluno, ao frequentar e participar das aulas, por suas diferenças diante da turma. Acredito que buscar atividades que possam ser exploradas por toda turma, independente das “dificuldades”, facilitaria a inclusão e a aprendizagem dos estudantes e criaria um laço de compreensão e aprendizagem na turma, em geral, beneficiando a todos.

A inclusão, conforme Sasaki (1997) “é o aprender a viver com o outro, significando estar com o outro e cuidar uns dos outros”. Não se refere somente a inserir um aluno com deficiência em um ambiente. É necessário lidar com as diferenças e a diversidade. Os processos inclusivos ensinam a respeitar as diferenças cada uma da sua forma. Na inclusão estamos construindo uma nova sociedade.

Podemos analisar que o aluno da EJA e o aluno da Educação Especial têm uma semelhança muito forte dentro da sociedade: ambos, são vistos como pessoas inferiorizadas, desacreditadas e o papel do professor é contribuir para a mudança dessa visão que a sociedade impõe a esse cidadão. Tendo como base Paulo Freire, entendemos que “ensinar exige querer bem aos educandos” (FREIRE, 1996). A EJA é uma oportunidade para aqueles que não se escolarizaram quando crianças e/ou adolescentes. Em nosso país, ainda há aproximadamente 11 milhões de analfabetos<sup>1</sup>. Este é um dos motivos para que haja oferta da modalidade EJA. Além disso, a importância dessa modalidade está nos processos contínuos de formação

---

<sup>1</sup> <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/11/brasil-tem-11-milhoes-de-analfabetos-aponta-ibge>

humana, ao longo da vida, buscando respeitar a escolha de cada pessoa ao estar na sala de aula, em acreditar que ela é capaz, em compreendê-la e respeitá-la.

Com esse trabalho, pretendo analisar a formação docente das estudantes de Pedagogia que atuaram na modalidade EJA em seus estágios obrigatórios, em turmas de uma escola pública estadual onde havia pessoas com deficiência. Através das minhas observações, relatos e desta pesquisa, também refleti sobre a necessidade da educação continuada para professoras que atuam na modalidade EJA, bem como a importância de uma demanda maior de disciplinas no curso de Pedagogia que abordassem esse tema.

O referencial teórico se baseou em autores que abordam a formação docente, a EJA e a inclusão. Dentre estes autores e autoras estão: Clarissa Haas, trazendo em seu estudo a temática currículo e educação especial, apresentando narrativas de contextos escolares. As autoras Carla Daiane Saraiva, Claudia de Jesus Tietsche Reis e Gilka Elvira Ponzi Girardello, Clarice Wilken de Pinho, abordam em seus estudos a formação de professores e a importância de uma formação continuada, principalmente de forma coletiva e o compartilhamento de conhecimento entre professores da EJA. Pensando ainda em formação para jovens e adultos, abordamos o pensamento de Miguel Arroyo, que acredita que a pedagogia deve tornar o seu estudante apto para trabalhar com essa modalidade, vendo que o currículo não foi pensado para a classe adulta e que a EJA se encontra em um caminho de construção. Seguindo na linha da inclusão, a autora Marcela Fontão Nogueira, questiona em seu estudo a maneira como os professores de sala de aula constroem a sua prática, o seu trabalho junto aos estudantes deficientes, levando em consideração a sua formação inicial. Paulo Freire, autor referência para a EJA, me fez refletir sobre os processos de conscientização e o reconhecimento da condição de oprimido do estudante da EJA.

Para organizar este TCC, no primeiro capítulo abordo os referenciais teóricos que foram utilizados como apoio para as reflexões realizadas nessa pesquisa.

O segundo capítulo aborda a metodologia. Tendo em vista que se trata de uma pesquisa com abordagem qualitativa, esse trabalho não aborda dados numéricos. Apresenta a análise de narrativas de ex-estagiárias da Pedagogia da UFRGS através de um grupo focal realizado de forma online, tendo como foco suas opiniões e as vivências dos seus estágios obrigatórios na EJA. .

O terceiro capítulo traz as narrativas das ex-estagiárias e as análises. Por fim, apresento as considerações finais. Concluo que esse tema é importante para a modalidade EJA, pois nele é referendada a importância de um olhar atento à formação inicial dos professores que visam esta modalidade.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Como referencial teórico, obtive como base nos meus estudos, alguns autores que abordavam a temática central deste trabalho e apresentavam pesquisas aprofundadas sobre os temas a serem discutidos, relacionando: Educação de Jovens e Adultos, deficiência e formação de professores.

### ***Educação de Jovens e Adultos e deficiência***

Clarissa Haas (2016), através de narrativas escolares, buscou compreender quais são as limitações apresentadas pelos estudantes com deficiência na EJA. Em sua pesquisa, criticou o currículo escolar, analisando de que forma ele incapacita esses estudantes na sua jornada escolar. Haas (2016) afirma, em seu estudo, que o lugar de fala do aluno e o Atendimento Educacional Especializado poderiam trazer uma reinvenção do currículo para a escola. Alguns dos estudantes que constam em seu estudo questionam o fracasso e a falta de amparo que tiveram, dentro do ambiente escolar. Ao longo do seu estudo ela questiona sobre o fazer docente e o papel da escola para esses estudantes com deficiência e a invisibilidade que estes estudantes assumem na modalidade da EJA. Com isto, Haas (2016) conclui seu estudo, abordando a relevância de um olhar investigativo sobre o processo de escolarização na EJA e uma reflexão sobre a história escolar desses jovens e adultos e a necessidade de um novo currículo. Instiga os professores da educação básica através de perguntas a respeito da complexidade das práticas pedagógicas e da necessidade uma formação continuada para atender esse público de alunos deficientes

Busco falar com os professores da educação básica a respeito da complexidade das práticas pedagógicas, por meio da provocação de perguntas cujas respostas são de dupla escolha, como forma de questionar o pensamento dual e imediatista que procura “a verdade” pedagógica ao defrontar-se com distintos desafios na tessitura de um currículo acessível a todos os estudantes. (HAAS, 2016)

A respeito da educação especial, Marcela Fontão Nogueira (2020) questiona como os professores constroem sua prática em sala de aula, o seu trabalho docente

junto aos estudantes público alvo da educação especial, levando em conta a formação inicial, continuada e prática de sala de aula diariamente. Nogueira (2020) analisou as narrativas dos professores sobre o seu processo de formação e as práticas pedagógicas. Observou a formação inicial ofertada nas unidades de ensino dos professores, como eles atuam com os estudantes deficientes e como seu trabalho reflete nos estudantes na modalidade da EJA. A autora realizou uma pesquisa exploratória com os professores e teve como base Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido para o seu estudo. Entende que a formação inicial em EJA e Educação Especial, não foi o suficiente para metade dos professores participantes e o mesmo aconteceu no que se refere à formação continuada. Nogueira (2020) conclui que a mudança no currículo é necessária, sendo preciso um aprofundamento nos estudos voltados para educação especial e EJA, logo na formação inicial. Analisou que é fundamental uma formação continuada para os docentes e principalmente construir uma prática docente coletiva.

### ***Formação docente e EJA: inicial e continuada***

Claudia de Jesus Tiesche Reis e Gilka Elvira Ponzi Guirardello (2021) abordam a formação docente e a EJA. Estas autoras tratam da importância do compartilhamento narrativo das práticas pedagógicas como uma ação coletiva de formação continuada. Sua pesquisa buscou compreender e refletir sobre o fato do professor ter espaço de fala no ambiente escolar, podendo compartilhar com os demais. Para as autoras, isto faz parte de uma formação continuada: um espaço de troca de conhecimento entre os professores. Enfatizam a necessidade de oportunizar aos professores essa troca, refletindo sobre as estratégias de compartilhamento narrativo de práticas pedagógicas dentro das reuniões de professores, como um processo de formação continuado. Para Reis e Guirardello (2021) estes compartilhamentos visam qualificar e ressignificar o tempo e o espaço dos encontros docentes. Salientam que vivemos em um período em que a docência se encontra sobrecarregada e desvalorizada e que, por isso, realizar a ação coletiva de docentes para uma formação continuada, por meio de compartilhamento de narrativas de práticas pedagógicas, seria um ponto positivo. As autoras ainda acreditam que a formação continuada deve ser proposta pela própria escola, como

forma de aprofundamento de ensino e aprendizagem para os professores. Deixam explícita a relevância da formação continuada em serviço como ponto primordial do trabalho docente. As autoras têm como base o fato de que, em tempos remotos, nas comunidades, a troca de conhecimento era coletiva, que a função de ensinar vinha antes de praticar, e que a educação era confiada a todos de igual para igual, sendo necessária a participação de cada um. Também, sobre este tema da escuta e da partilha, Freire destaca

Educar como prática da liberdade é desenvolvermos cultura com o outro, é sermos rebeldes contemporâneos por meio de uma escuta ativa, que significa estar em permanente abertura à fala, a experiência vivida, ao gesto e as singularidades do outro, com liberdade para discordar, opor-se e posicionar-se: é, portanto, uma possibilidade real de compartilhamentos e construção coletiva (FREIRE, 2014)

Seguindo ainda pela temática de formação trago a autora Carla Daiane Saraiva (2021), que aborda em seu estudo a formação continuada docente na EJA. Salienta que formar professores não requer moldar educadores com o mesmo pensamento e, sim, dar liberdade de expressão para novas aprendizagens, trocas de conhecimento e aprimoramento da educação. A autora acredita na formação continuada como forma de construção de conhecimentos. Saraiva (2021) aborda em seu texto a concepção de formação que se entende, historicamente, como remetendo uma ideia de moldar, formar, criar todos no mesmo formato de pensamento. Enfatiza que a formação implica em que o sujeito seja capaz de obter conhecimento, compartilhar e colocar em prática. Saraiva (2021) afirma, em seu estudo, que a formação continuada é um momento individual e coletivo. A autora também traz a importância de entender a formação continuada na EJA, a partir da teoria e da prática no mesmo segmento. Ainda destaca um desafio: mesmo que a EJA seja um direito, ainda é deficitária a formação para atuar na modalidade, no que se refere à formação inicial. Destaca que

mesmo que de modo geral, a formação inicial (licenciatura) se mostra insuficiente para atender as demandas específicas do processo de escolarização do público da EJA, bem como sobre a ação pedagógica que eles requerem. (SARAIVA, 2021, p. 03)

A autora conclui tratando da importância da formação continuada, sem deixar de salientar a necessidade de um olhar atento à formação de educadores para

trabalhar com a modalidade de EJA (formação inicial), desenvolvendo o conhecimento a respeito do seu público e o pensamento crítico.

A autora Clarice Wilken de Pinho (2021), em seu trabalho, traz a formação de educadores para a modalidade EJA, partindo da necessidade de que os educadores compreendam a modalidade, que sejam capazes de enfrentar a demanda que essa modalidade apresenta e o quanto é necessário se aperfeiçoar. Pinho (2021) acredita que é necessário compreender o estudante como um cidadão, um ser com memórias e vivências e que são os formadores da EJA, que influenciam os educadores de acordo com suas vivências históricas e trabalho formativo.

Tito Marcos dos Santos (2021), em seu estudo, aborda a conscientização e o reconhecimento da condição de oprimido dos educandos da EJA. Realizou uma pesquisa com estudantes da EJA, tendo como objetivo problematizar o papel de oprimido do estudante perante a sociedade e o espaço escolar, a importância do aluno se reconhecer, reconhecer seu lugar de fala e espaço, não simplesmente como um hospedeiro daquele ambiente. A importância desse estudo foi mostrar para esse aluno oprimido, o seu valor, o quanto é importante ele saber o seu lugar, não se sentindo inferiorizado por estar buscando estudo fora da sua idade escolar e, sim, se orgulhar de acreditar no seu potencial de ser um cidadão melhor, buscando conhecimento e aprendizagem, muitas vezes sem apoio da família.

Para Paulo Freire, este é um processo complexo já que os oprimidos estão imersos nessa estrutura de opressão (2001). Freire (2014) umas das grandes inspirações da educação de jovens e adultos acredita que é necessário se ter um vínculo entre aluno e professor (querer bem), que o processo de ensino/aprendizagem deve ser baseado na confiança (corporeificação da palavra pelo exemplo) e que o professor deve construir um ensino baseado já no conhecimento prévio de cada aluno (respeito aos saberes dos educandos). Freire também acredita que a educação tem um papel fundamental social e transformador na vida desse estudante.

Silva (2013, p.150) afirma que a formação do/a educador/a da EJA está ganhando cada vez mais visibilidade, “na medida que a Educação de Jovens e Adultos vem, de forma acelerada, buscando espaços cada vez mais importantes no cenário mundial e nos debates desse campo de estudo.”

De acordo com Arroyo (2006, p.18) a formação de educadores da EJA se dá nas diversas esferas das Instituições Superiores, nos movimentos sociais, nos fóruns e nas secretarias Estaduais e Municipais.

Um aspecto que talvez tenha sido muito bom para a própria EJA é o fato de ela não ter conseguido nunca, ou nem sequer tentado conformar-se no sistema educacional. Isso fez com que não se tentasse também conformar a formação do educador e da educadora da EJA num marco definido. (ARROYO, 2006, p 18)

Arroyo (2017) aponta para a persistência de uma indefinição sobre o que seria a EJA. Para ele seria uma modalidade em construção, juntamente com educadores em reconstrução. Além disso, define a EJA como múltipla e plural. A educação de jovens e adultos ainda apresenta muitos gatilhos a serem superados, pois podemos definir a EJA como uma modalidade de ensino complexo e essa complexidade se dá principalmente pela falta de formação de educadores para essa modalidade. Arroyo (2017) acredita que a primeira dificuldade a ser superada pela EJA deveria ser como ela é vista, analisada e pensada, inclusive nos cursos de formação inicial. Segundo Arroyo (2017) além do método ser infantilizado, os conhecimentos de vida e de trabalho dos alunos são ignorados. Os educadores da Pedagogia e, também, de outras licenciaturas não conseguem identificar as especificidades da Educação de Jovens e Adultos e não enxergam que estas pessoas estão acessando o direito não só a educação, mas à dignidade e à cidadania.



## **METODOLOGIA**

O tema de pesquisa surgiu através de observações realizadas em duas escolas de Porto Alegre. Entretanto, nesta pesquisa, nosso foco estará em somente uma destas escolas. Trata-se de uma escola da rede Estadual, que tem turmas voltadas para o atendimento de alunos com deficiências. A referida escola tem professoras qualificadas e aptas para atender essa demanda dos alunos. Esta pesquisa também se justifica pelo fato de que ainda percebo, como graduanda em Pedagogia, a insegurança de algumas estudantes em realizarem estágios na modalidade EJA, principalmente em turmas com estudantes com deficiência, tendo vista que poucas são as disciplinas no Curso, específicas sobre a Educação de pessoas jovens e adultas.

Este estudo buscou analisar lacunas na formação inicial em Pedagogia, principalmente no que se refere à EJA e a inclusão de pessoas com deficiência na modalidade, bem como as estratégias adotadas pelas professoras em formação durante o estágio curricular obrigatório, para atender este público. Por outro lado, referenda a orientação de estágio e o quanto a(o) orientadora (o) faz a diferença no processo de formação inicial docente.

Neste trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa (BAUER E GASKELL, 2002) com a finalidade de analisar a formação inicial docente e os desafios apresentados por estagiárias que atuaram na modalidade EJA. Tendo como base a formação da Pedagogia, busco um estudo aprofundado sobre o tema partindo de uma revisão bibliográfica composta por autores e autoras que abordam o tema EJA, formação docente/formação continuada e jovens e adultos deficientes.

Como procedimento de coleta de dados para a realização de pesquisa, optei por utilizar um grupo focal com ex-estagiárias do curso de Pedagogia, as quais responderam algumas questões, relativas aos objetivos deste trabalho. O grupo focal é um debate aberto e acessível a todos. Os assuntos em questão são de interesse em comum. O debate se fundamenta em uma discussão focada, com possibilidade de se estabelecer um bom diálogo. O grupo focal tradicional compreende de seis a oito pessoas desconhecidas, que se encontram em um ambiente, com um tempo de uma até duas horas (GASKELL, 2002, In.: BAUER E GASKELL, 2002). No caso desta pesquisa, reunimos três (3) ex-estagiárias do Curso de Pedagogia e a moderadora, por um tempo de aproximadamente 1h30min.

No que se refere aos procedimentos, o moderador tem como primeira tarefa realizar sua própria apresentação e o assunto. O moderador encoraja todos os participantes a falar e convida à apresentação, todos os participantes. O objetivo é avançar a partir de discussão liderada pelo moderador, com ampla participação dos convidados, para uma discussão onde os participantes reagem uns às falas dos outros. Trata-se de um método de pesquisa qualitativa, dada a ausência de medidas numéricas e análises estatísticas. (GASKELL, 2002, In.: BAUER E GASKELL, 2002)

Os resultados do diálogo com as professoras, ex-estagiárias, evidenciam críticas ao currículo do curso que realizaram<sup>2</sup>. Entendem-na como uma formação introdutória que possuía várias lacunas no que se refere à modalidade EJA e, sobretudo, em turmas com pessoas com deficiência. Contudo, salientaram que isto as incentivou a buscar uma formação continuada na área que pretendiam seguir.

Semelhante a estes achados presentes nesta pesquisa, nas observações realizadas, as quais originaram este estudo, também surgiram estas reflexões: o currículo do curso de pedagogia contempla todas as modalidades de ensino? A formação inicial docente deveria ser uma introdução a todas as modalidades de ensino? A Educação de Jovens e Adultos necessita de profissionais com formação específica para a modalidade? Quais as aproximações entre a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Especial?

Sendo assim, este estudo foi motivado pela seguinte questão central:

***A formação docente inicial em Pedagogia trouxe elementos suficientes para a realização do estágio na EJA em turmas onde há pessoas com deficiência?***

Considerando esta questão inicial, este trabalho de conclusão apresenta os seguintes objetivos:

- Analisar a experiência de estágio de ex-estudantes de Pedagogia da UFRGS, que realizaram o estágio na modalidade EJA, em turmas onde havia pessoas com deficiência;

---

<sup>2</sup> Importante dizer que o curso de Pedagogia da UFRGS passou por uma reforma e que outras pesquisas sobre o tema poderiam ser feitas para verificar se estas lacunas foram sanadas.

- Contribuir com reflexões sobre a formação inicial em Pedagogia, no que se refere à modalidade EJA;
- Refletir sobre a formação continuada e a qualificação dos professores para atuarem na EJA e com estudantes deficientes.

A pesquisa foi realizada de forma *online* através da Plataforma Google Meet, devido à pandemia de COVID-19. O grupo focal foi realizado no intuito de realizar trocas com as ex-estagiárias, por termos realizado observações e estágios na mesma escola, buscando ter diferentes visões e opiniões sobre estas experiências. O grupo focal foi um método escolhido para facilitar essa comunicação entre todas. As participantes foram ex-estagiárias do curso de pedagogia da UFRGS, que realizaram seus estágios obrigatórios em uma escola da rede estadual, aonde realizei observações para uma disciplina do Curso. Para este momento, foram convidadas várias alunas e ficou a critério delas a participação ou não na pesquisa. Cada uma assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, disponível em formulário Google, no qual as estudantes marcaram a opção de aceite e ficaram cientes de que suas identidades não seriam reveladas e nem a nossa conversa exposta. Destacamos, neste documento, que todo o conteúdo seria somente para coleta de dados para realizar esta pesquisa.

Compareceram, no dia 07 de abril de 2022, três ex-estagiárias na sala virtual onde ocorreu o grupo focal. Duas delas realizaram o estágio à noite e uma, pela manhã. A conversa fluiu de uma forma muito natural, como uma roda de conversa. Para fomentar o debate, elaborei três perguntas centrais (as quais apresento no capítulo de análise dos dados). Todas as participantes responderam sem questionamentos. O momento proporcionou risadas, lembranças, muitas trocas de conhecimento, partilha de atividades e recursos realizados. Tornou-se um momento muito agradável para todas. A orientadora desta pesquisa não participou desse momento para deixar as ex-alunas à vontade em seus relatos. Entretanto, responsabilizou-se por abrir a sala virtual e pela guarda da gravação em sua conta pessoal, apenas compartilhando comigo o acesso ao vídeo.

Essa pesquisa me fez questionar sobre o currículo do curso. Constatei que durante o tempo que estive cursando, não pude ter essa visão que estou tendo agora na conclusão e, também, depois de conversar com professoras já formadas pelo mesmo curso, o quanto o nosso currículo tem lacunas no que se refere à EJA e à educação especial, independentemente da reforma curricular, onde há a possibilidade de escolher qual modalidade dar seguimento desde o início. Sobre isto, também me questiono se essa seria a alternativa correta para o currículo da Pedagogia. Sinto, como muitas das professoras com as quais conversei, que o curso é uma introdução de uma modalidade que vamos escolher e que é necessário realizar uma formação continuada e sempre buscar estar se qualificando.

## **ANÁLISE DE DADOS**

Apresento na análise de dados, declarações obtidas por meio de um grupo focal com três pedagogas que realizaram estágio na modalidade em EJA, em uma escola da rede estadual na cidade de Porto Alegre. A turma era formada por estudantes com deficiência. Trago neste capítulo, como principal foco, o relato de experiência realizado pelas ex-estagiárias, os recursos e as atividades que foram fundamentais para seu estágio, a formação inicial em pedagogia, os desafios da prática pedagógica e a contribuição da orientação de estágio para as estudantes.

As entrevistadas serão apresentadas como Professora P1, P2 e P3, a fim de preservar as suas identidades. A Professora P1 formou-se em Pedagogia no ano de 2017 na UFRGS e atualmente é professora nos anos iniciais em duas escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul. A Professora P2 formou-se em Pedagogia no ano de 2015 na UFRGS e atualmente é orientadora educacional da Educação Infantil, em uma escola de educação básica da rede privada de Porto Alegre. A Professora P3 formou-se em Pedagogia no ano de 2018 na UFRGS e atualmente é professora de anos iniciais em duas escolas públicas em uma cidade da região metropolitana, lecionando, também, em turmas com estudantes com deficiência.

A fim de dialogar com as professoras P1, P2 e P3 sobre as suas experiências de estágio na EJA, questionei:

**Como foi a experiência de estágio na escola? Quais recursos e atividades você considera que foram fundamentais?**

Sobre esta questão a Professora P1 destacou que o estágio traz muito aprendizado e experiência para a vida profissional. Entretanto, ressaltou que o início foi angustiante. Para ela, ter a orientadora foi importante para o processo do estágio. “Busquei analisar o interesse dos alunos para saber por onde partir” – destacou em sua fala. Considera que a atividade mais significativa foi com fotografias, momento em que todos finais de semana um aluno levava a câmera da professora para casa para realizar registros pessoais. No final do estágio, os alunos realizaram banners com suas fotos e escritas. A atividade foi tão gratificante para a professora, que um tempo depois ela escreveu um artigo sobre a temática. Salientou que a atividade

adaptada a cada estudante, que teve um bom retorno da turma, foi a de figuras e palavras. A professora a realizou, de acordo com o nível de aquisição da escrita de cada aluno: para alguns era a letra, para outros sílabas e também palavras inteiras. A atividade foi realizada por toda turma dentro das suas peculiaridades.

Por sua vez, a Professora P2 não tinha conhecimento sobre a EJA. Relatou que conheceu a EJA através dos olhos da professora orientadora, que foi sua professora em uma disciplina no Curso. Acredita que muitos alunos não realizam estágio na, EJA por falta de possibilidades de emprego para essa modalidade. Relatou que foi uma experiência maravilhosa, principalmente pelo apoio da professora da turma na escola. Entretanto, recorda que se decepcionou muito com os relatos sobre a turma e os alunos da escola na sala dos professores, o que foi uma experiência marcante. A professora da turma teve um olhar acolhedor para as estagiárias, que traziam consigo uma mistura de medo, desafios e aprendizagens. Recursos como folhas prontas, que via circular na escola, criaram uma inquietude na professora P1, que buscou realizar atividades lúdicas, com jogos e brincadeiras pedagógicas. Criou atividades relativas ao interesse dos alunos, como seu time do coração e o casamento. Ajudou os alunos a criarem seus próprios e-mails, buscando outras formas de aprendizagem e inclusão digital. Ressaltou que a orientação na UFRGS foi fundamental para se sentir segura em realizar as atividades e ter confiança no seu trabalho.

A Professora P3 abordou o estágio como um momento indescritível, uma mistura de medo, angústia, felicidade e curiosidade, uma experiência única. Disse que essa experiência na EJA lhe serviu como inspiração para buscar um estudo mais aprofundado na área da educação especial. Considera a orientação de estágio como fundamental, como uma base para que tudo ficasse no lugar, como uma proteção. A orientadora lhe orientou a alfabetizar o aluno sem pensar na sua deficiência e nas suas dificuldades. O desconhecido, que seria a EJA e lidar com alunos com diferentes deficiências, causou um pouco de medo em P3. Ela buscou diferentes recursos para trabalhar com os alunos. A atividade que lhe marcou mais foi denominada "traços de Porto Alegre", na qual fez um mapa em tamanho grande com os alunos. Também se dedicou a trabalhar a independência dos estudantes em relação às suas famílias, os transmitindo segurança e confiança sem si. Abordou, também, as temáticas: cidadania, maus tratos aos animais, profissões e educação financeira. Buscou usar nas atividades temas diários da vida dos estudantes.

*P1 - A turma demanda coisas diferentes para gente que está ainda em formação, é um pouquinho, é um baque, ter jovens que estão em diferentes níveis de aprendizado.*

*P2 - Eu tinha muita insegurança, mas ao mesmo tempo em que eu tinha insegurança, eu ficava pensando, o que é realmente importante ensinar para eles?*

*P3 - Eu fiquei um pouco apavorada, a princípio: como lidar com tanta diversidade de doenças?*

Pelos depoimentos, nota-se que a professora da turma e a escola foram bem acolhedoras com as estagiárias, na época de estágio, as quais apresentavam pouco conhecimento sobre a EJA. Através do estágio buscaram se aprofundar na área que compreenderam como não totalmente qualificadas. Em suas falas, salientam que é necessário buscar recursos para estudantes com deficiências, de acordo com a necessidade de cada um deles. Trazem a necessidade de que haja um pouco mais de aprendizagens sobre EJA e a Educação Especial no Curso para realizar o estágio com mais tranquilidade, considerando que destacam o medo e a ansiedade na prática. Independente dos desafios entende-se que foram estágios marcantes para as estagiárias e que lhes proporcionaram experiência profissional e de vida. Os depoimentos me fizeram refletir sobre a importância de uma boa orientação de estágio, sobre um currículo qualificado no curso, de um olhar acolhedor sobre os estudantes e da abertura das estagiárias para lidar com as diversidades. No que se refere à docência na educação de jovens e adultos, as professoras destacam que é necessário entender e buscar os interesses dos estudantes como forma de aprendizagem, explicitando que um trabalho qualificado e refletido muda a aprendizagem de uma turma. Saraiva (2021) aborda que formar professores não requer moldar educadores com o mesmo pensamento e sim dar liberdade de expressão para novas aprendizagens, trocas de conhecimento e aprimoramento da educação. Destaca-se, portanto, a formação continuada como forma de construção de pensamento, buscando se aprimorar para lidar com estudantes de uma modalidade que necessitam de um pouco mais de atenção, pois a formação inicial é, como o próprio nome diz, um começo. Nesse caminho, a EJA não é somente alfabetizar, também inclui a educação integral: a socialização, a cidadania e, acima de qualquer coisa, a humanização de todos os envolvidos.

Seguindo o debate com as professoras, questioneei:

**Consideram que o curso de pedagogia trouxe elementos suficientes para os desafios da prática pedagógica? E o currículo da UFRGS é apto para assumir uma turma de EJA?**

A Professora P1 destacou que o currículo do curso de Pedagogia é bom, porém sempre é necessária uma formação continuada. O curso não prepara para um estágio na EJA, em turmas com pessoas com deficiência, mas o acompanhamento de um(a) bom(oa) orientador(a) é fundamental. Considerou que o curso tem disciplinas bem pinceladas. É necessário um currículo sobre vários temas, mas de uma forma mais abrangente, mais aprofundado em algumas áreas de estudos, como EJA e educação especial. O estágio, segundo ela, é importante para se obter experiência. Afirma que a prática ajuda muito na formação para se ter experiência de sala de aula. Disse que o curso não é falho, mas que ele é um introdutório da modalidade de ensino que vamos escolher, ou da área que vamos trabalhar. O currículo do curso salienta, sobretudo, a necessidade de continuar se aprofundando em todas as áreas. Afirmou, também, que a disciplina de acompanhamento é fundamental para o estágio.

A Professora P2 considera que a universidade é, de certo modo, preconceituosa sobre a educação especial, pois, há um foco na inclusão, sem que sejam aprofundados conhecimentos sobre as deficiências e transtornos. Também salienta que não prepara para a modalidade EJA. Salienta que o enfoque do currículo são as outras modalidades de ensino. Destaca que o currículo é introdutório, sendo necessário buscar um estudo mais aprofundado na área que querem seguir. A preparação para a EJA é importante porque acaba fazendo com que o discente, busque essa modalidade como sua área de trabalho após concluir o curso. Entretanto, o currículo ainda não aborda todo conteúdo necessário para um professor ser apto em todas as modalidades de ensino, principalmente na EJA. Nota-se que é necessária uma formação continuada, mas entende que o estágio serve como uma experiência.



Para a professora P3, mesmo que o currículo do curso de Pedagogia não seja completo, não se traduz em um ensino falho. Ele possibilita ao estudante experiências em todas as modalidades de ensino, através das mini-práticas e do estágio. Contudo, ressalta que é um currículo introdutório, que resume bem um pouco de cada estudo, mas não qualifica totalmente para trabalhar em todas as modalidades. Para isso, salienta é necessário um aprofundamento de estudos, principalmente na EJA e educação especial. Sendo assim, é um currículo básico que necessita de uma formação continuada.

<i>P1- Eu vejo que tudo aquilo que a gente quer ir afundo, a gente tem que buscar a mais.</i>
---

<i>P2- A UFRGS, na minha percepção foi uma faculdade totalmente preconceituosa, com a educação especial.</i>
--

<i>P3- Nem a educação especial, nem a EJA dá uma formação completa.</i>
---

No diálogo com as professoras, observei que a formação continuada é necessária para exercer a docência na modalidade em que se deseja. O curso é proveitoso, porém ainda possui lacunas em algumas áreas, necessitando que o aluno busque uma formação continuada. A pedagogia hospitalar, por exemplo, foi uma das disciplinas que faz falta no currículo de acordo com a Professora P1. A disciplina de orientação foi a mais comentada pelas ex-estagiárias por ser importante e fundamental para o discente no processo de estágio. O currículo apresenta uma defasagem ainda na EJA e na Educação especial, segundo as professoras, o que gera que os estudantes não sejam totalmente preparados para ingressar em uma sala de aula. O curso sob este ponto de vista, é entendido como básico e introdutório. Pude notar o quanto a orientação do estágio foi fundamental para as estagiárias, transformando a visão das estagiárias sobre a prática e como esse trabalho, na medida em que se coloca como apoio, fortalece para o seguimento no curso.

A autora Marcela Fontão Nogueira (2020), em seu trabalho, questiona sobre a formação inicial, sobre a preparação do professor na sala de aula para o trabalho com alunos Jovens, adultos e deficientes. Em seu estudo, ela traz a importância da formação de base para os professores atuarem futuramente.

Seguindo o debate com as professoras fiz um último questionamento:

<b>Quais foram as contribuições da sua/seu orientador(a) de estágio e a orientadora da turma?</b>
---

A professora P1 falou sobre o “terrorismo”, passado por algumas colegas durante o estágio curricular. Salientou o quanto isso muda a visão do estudante sobre a pedagogia e sobre as disciplinas. Para ela, infelizmente a EJA é vista como a modalidade “mais fácil”, não tão importante para ser estudada. Durante o estágio pode notar a professora da turma acolhendo, se importando e lutando pelos seus alunos. A orientadora, cumprindo o seu papel, criticando, elogiando, sempre fazendo com que buscasse o seu melhor. A única dificuldade que enfrentou, foi diante da professora da turma que não apresentava apontamentos sobre as atividades. Para ela, segundo P1, tudo estava ótimo e não era necessária mudança, criando um pouco de insegurança. O que a entristecia era ver o curso de Pedagogia sendo levado, por alguns graduandos, muitas vezes, de qualquer forma, não levando a sério a aprendizagem obtida. Considerou que já é um currículo básico e muitos alunos apenas estavam ali para ter um diploma.

A professora P2 destaca que a orientadora foi marcante. O apoio da orientação de estágio na UFRGS foi fundamental, a clareza nas explicações, ser acolhedora, compreensiva, o que a fortaleceu para a realização do estágio. Disse que a orientadora representava: o que é ser professor da EJA. Infelizmente a escola não é uma das maiores apoiadoras da professora da turma. Contudo, disse que ela estava “nadando contra a maré”: ela acredita nos alunos, nas suas capacidades. “Sentir que ela estava ali por eles me fez ter uma força e segurança para concluir o meu papel ali com eles” – salientou.

E, por fim, a Professora P3 também relatou a contribuição fundamental da orientadora de estágio, sendo acolhedora, deixando livre, sendo crítica, “cobrando”, sendo uma ótima profissional e ratificando a luta pela EJA nas orientações. A professora da turma foi acolhedora, mas era diferente do que foi citado por P1 e P2. Devido ao fato de estar em outro turno, parecia desmotivada. Entretanto, acreditava nos alunos e no trabalho da estagiária. “Acredito que o cansaço dos professores é algo de todas modalidades de ensino” – destacou. Ainda reafirmou que é necessário ser focado no aluno para existir uma boa aprendizagem. Complementou dizendo que “o papel da orientadora e o currículo são a base para que possamos nos tornar bons profissionais”.

*P1 - Ela foi fundamental. Poder ser clara e transparente com ela, de não ter medo de trazer algumas angústias.*

*P2 - Elas trabalham com a EJA e bom a gente era jovem e adulto. Então, elas também estavam participando dessa nossa formação. Eu agradeço muito.*

*P3 - Eu gosto dela, como pessoa, como ser humano e profissional (sobre a orientadora de estágio).*

Observei nos relatos a preocupação das professoras em salientar o cuidado e o olhar atento sobre as docentes. Apontam que ter professores como referência fortalece muito mais a nossa trajetória acadêmica. A orientação de estágio acaba sendo um dos momentos mais importantes do curso, do que posso entender. Através delas somos desafiados a colocar aquilo que nos foi ensinado em prática. O relato das professoras estagiárias, também abordou a desmotivação que pode abater professores da EJA. Como um fato importante a ser analisado, podemos ver a diferença entre as duas professoras. Considero que a professora que aparentava ser mais desmotivada, necessitaria de um suporte da escola, podendo ser o estágio um importante momento formativo. Não posso deixar de destacar o quanto a orientadora foi citada como parte fundamental dos estágios, por ser crítica, reflexiva, acolhedora e possibilitar a palavra das estagiárias. Se podemos sintetizar, a orientação e o estágio são o foco para profissionais qualificados e uma maneira de analisar se o curso está possibilitando o suficiente.

Pude refletir sobre o quanto a teoria e a prática realmente necessitam estar em trilhos iguais, o quanto um currículo detalhado e bem aplicado, uma professora orientadora atenciosa e disposta, uma escola que garante a presença de estudantes com deficiência na EJA, e uma professora regente que se compromete com seus alunos são fundamentais. Para ampliar o olhar de uma discente em formação. Estes exemplos e experiências trazem boas aprendizagens. Pude, com esses relatos, chegar à conclusão que, sim, é necessário sempre se aprofundar mais no debate educacional, pois uma graduação nunca será o suficiente. Também compreendo que, para ser professor de Jovens e adultos, é necessário estar ciente dos significados desta modalidade e compreender os desafios que ela proporciona. Também é fundamental enfatizar que o trabalho com alunos deficientes é muito mais que sua presença em uma sala, é imprescindível que eles sejam pertencentes àquele espaço.

Miguel Arroyo (2006) aborda que nem o currículo da Pedagogia e nem sua metodologia foram criados para formar professores de jovens, adultos e trabalhadores, tendo em vista que a primeira dificuldade da EJA é de como ela é vista, e até mesmo pensada. Ele acredita que a EJA ainda está em processo de formação juntamente com o perfil e o currículo do profissional que vai trabalhar nesta modalidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que mesmo que os professores sejam vistos como uma profissão desvalorizada e a modalidade EJA como um grande desafio, juntamente com a presença de estudantes com deficiência na escola comum, todas as participantes acreditam na docência e se sentem realizadas em suas profissões nas áreas escolhidas. Pontuam, contudo, algumas lacunas na formação inicial, principalmente no que se refere à abordagem rápida sobre a modalidade EJA e sobre a educação especial (voltada à inclusão, sem detalhamento sobre deficiências e altas habilidades).

Durante este estudo pude analisar que a formação de educadores de jovens e adultos está sendo um tema abordado em muitas reuniões, fóruns e seminários da EJA, em nível estadual e nacional, incluindo a relevância e a necessidade de profissionais qualificados para essa modalidade. Vejo a modalidade EJA, como dito por Arroyo (2006), como um processo de construção. Entendemos que há um conjunto de modificações necessárias para que se tenha a educação de jovens e adultos que se espera, tendo como princípio para esta transformação, a formação inicial. Esta exerce o papel de qualificar os docentes e possibilitar reflexões sobre a prática pedagógica. Identificamos lacunas no currículo do curso de Pedagogia da UFRGS, necessitando maior debate sobre as especificidades dos jovens e adultos com deficiência, trazendo uma visão histórica e sociológica sobre esses estudantes, o que consideramos determinante para a elaboração de políticas de formação de professores. Vejo como necessária, também, a mudança no currículo no que se refere à deficiência, abordando um estudo mais detalhado sobre os deficientes, sobre altas habilidades e transtornos. Este é abordado por uma das ex-estagiárias.

Sobre a questão: ***A formação docente inicial em Pedagogia trouxe elementos suficientes para a realização do estágio na EJA em turmas onde há pessoas com deficiência?*** Pude notar, nas falas das ex-estagiárias, diferentes opiniões e visões sobre a escola, sobre a docência e sobre os alunos. Percebi que cada uma mobilizou seus recursos para que o estágio fosse realizado, mesmo que encontrassem lacunas no Curso. Sobre a importância da orientação de estágio, as opiniões foram as mesmas, concordando que foi a base para que os seus estágios fossem realizados. A disciplina relativa à orientação de estágio foi fundamental para que elas se sentissem aptas e que algumas destas lacunas fossem superadas. Na

época em que cursaram Pedagogia, apontam para o fato de que só ao final do curso passaram a compreender melhor a modalidade EJA e os seus desafios, portanto, no momento do estágio. Embora este fato, o estágio deu-lhes a certeza de que seguiriam na docência, incluindo a possibilidade de atuação em turmas onde há pessoas com deficiência (como no caso de P3).

Por fim, concluo com esse estudo, a necessidade de uma mudança do currículo do Curso, sobre os temas abordados. Acredito que o conhecimento sobre estas áreas: EJA e educação especial, também poderá contribuir para a atuação em outros espaços, conforme expressaram as participantes desta pesquisa, já que, nem todas atuam na EJA ou com pessoas com deficiência. Esta pesquisa também apontou para a extrema importância da formação continuada, pois, a formação inicial é básica, necessitando obviamente de complementação – tanto em serviço, quanto em cursos de pós-graduação.

O investimento das escolas na formação continuada dos professores poderia resultar em profissionais mais apaixonados pela profissão, mais confiantes em seu trabalho e em uma educação de qualidade para todas as modalidades. Não podemos esquecer que a educação não é somente o professor qualificado, deve-se atentar, também, para o investimento, o acesso ao material pedagógico e ao suporte pedagógico em um trabalho coletivo.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel. Formar educadores e educadoras de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio José Gomes (org). **Formação e educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 30 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa 48ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In. : BAUER, Martin W. e GASKELL, Bauer. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. pp. 64-89.

HAAS, Clarissa. **"Isto é um jogo": imagens-narrativas do currículo, tempo e trajetórias escolares de estudantes com deficiência**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2016.

MOREIRA, Antônio Flávio. Conhecimento escolar, cultura e identidade nacional: Desafios para o currículo. In: GARCIA, Regina Leite(org). **Diálogos cotidianos**, Petrópolis, RJ: FAPERJ, 2010, p. 47-66.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa, 4. ed., Porto Alegre: Sulina, 2015.

NOGUEIRA, M.F. **Educação Especial na EJA: análise do processo de construção da prática docente**.2020. 114 f. Dissertação (Mestrado)- Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade de São Carlos, 2020.

PINHO, Clarice Wilken. **Trajetórias de formadores/as de educadores/as de pessoas jovens e adultas no Brasil.** 2021. Disponível em: [http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_0\\_27](http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_0_27).

REIS, Claudia de Jesus Tietsche, GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. **Re-união de professores: o compartilhamento narrativo de práticas pedagógicas como ação coletiva de formação continuada.** 2021. Disponível em: [http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_1\\_27](http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_1_27).

SANTOS, Tito Marcos dos. **Paulo Freire e sujeitos jovens e adultos: conscientização e reconhecimento da condição de oprimido.** 2021. Disponível em: [http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_4\\_24](http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_4_24).

SARAIVA, Carla Daiane. **Formação continuada docente na eja a luz do pensamento complexo.** 2021. Disponível em: [http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_31\\_17](http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_31_17).

SILVA, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues. **Elementos para a construção das especificidades na construção da formação do educador da EJA.** Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2013.



**APÊNDICE: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

# TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARTICIPANTE

TÍTULO DA PESQUISA: A formação docente e a modalidade EJA: reflexões de ex-estagiárias sobre a práxis.

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. ALINE LEMOS DA CUNHA DELLA LIBERA

ORIENTANDA: YNAÊ COSTA MATIAS

Prezada Professora,

Estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada “A formação docente e a modalidade EJA: reflexões de ex-estagiárias sobre a práxis”, orientada pela Prof. Dra. ALINE LEMOS DA CUNHA DELLA LIBERA. Você está sendo convidada a participar deste estudo. A seguir, esclarecemos e descrevemos as condições e objetivos do estudo:

**NATUREZA DA PESQUISA:** Esta é uma pesquisa que tem como finalidade analisar a formação docente inicial em Pedagogia e sua interface com a modalidade EJA.

**PARTICIPANTES DA PESQUISA:** Participarão desta pesquisa em torno de 6 pessoas, todas ex-estagiárias na modalidade EJA e egressas do curso de Pedagogia da UFRGS.

**ENVOLVIMENTO NA PESQUISA:** Ao integrar este estudo você participará de um grupo focal, realizado através do Google Meet, com tempo médio de uma hora. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo pode entrar em contato com a Prof. ALINE LEMOS DA CUNHA DELLA LIBERA, pelo telefone (51) 98134-0689.

**SOBRE O GRUPO FOCAL:** O grupo focal será gravado em áudio e vídeo através da plataforma Google Meet. Durante a realização, a pesquisadora irá questionar exclusivamente sobre o seu estágio de docência na EJA, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Visconde de Pelotas. Para tanto, serão apresentadas três questões centrais sobre esta experiência e a sua formação em Pedagogia. Será disponibilizado um espaço para que você se manifeste sobre outros aspectos que assim desejar. Sua identidade não será revelada sob nenhuma hipótese, pois todos os cuidados éticos serão adotados: minimização dos riscos de vazamento da gravação do grupo focal, por meio de plataforma Google Meet e compartilhamento exclusivo entre orientanda e orientadora; preservação da sua identidade no texto final, por meio do uso de iniciais (P1 – professora 1; P2 – professora 2). A ordem (P1, P2, P3... terá como critério o nome de cada participante, que será listado em ordem alfabética pela pesquisadora para atribuição dos números). No dia da gravação do grupo focal, você será avisada sobre qual será o seu número do trabalho final.

**RISCOS:** Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na pesquisa, conforme a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Os riscos decorrem da possibilidade de alguma situação de estresse ou constrangimento, considerando que as questões a serem abordadas, no grupo focal, estão estreitamente vinculadas ao seu estágio de docência na modalidade EJA. As questões, que serão feitas durante o grupo focal, visam compreender um cenário e não emitir juízos

sobre o trabalho realizado por você. Ademais, não haverá, no trabalho final, a identificação de quem respondeu. Há risco de vazamento de dados, na medida em que haverá registro do grupo focal em áudio e vídeo e, para minimizá-lo, serão armazenados no Google Drive da orientanda e da orientadora. A plataforma Google Meet será disponibilizada pela professora Aline Cunha, orientadora do trabalho. Sendo assim, os dados ficarão armazenados exclusivamente em conta pessoal da professora. O vídeo será compartilhado apenas com a pesquisadora Ynaê Costa, para fins de análise. Esta forma de compartilhamento, através de conta pessoal e para uma única pessoa, minimiza os riscos de vazamento.

**CONFIDENCIALIDADE:** Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Trataremos todas as informações obtidas em qualquer das etapas sem que haja identificação das particularidades de cada participante. Isto porque, entendemos que o grupo focal deve estar também sujeito à confidencialidade e anonimato. Os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho expostos acima, incluindo a possível publicação na literatura científica especializada.

**BENEFÍCIOS:** Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas, contribuindo para a problematização dos estágios de docência e da prática pedagógica na modalidade EJA em turmas compostas por educandos/as com deficiência.

**PAGAMENTO:** Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem.

Desde já, agradecemos a atenção e a da participação. Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelo email:

Quaisquer dúvidas ou esclarecimentos sobre a pesquisa poderão ser dirimidos junto à pesquisadora (Ynaê Costa Matias – [ynaecm@gmail.com](mailto:ynaecm@gmail.com)), sua orientadora (Aline Lemos da Cunha Della Libera – [aline.cunha@ufrgs.br](mailto:aline.cunha@ufrgs.br)).

Ao assinar esse termo você mantém o direito a buscar indenização judicial caso se sinta prejudicado pela pesquisa.

---

**\*Obrigatório**

1. E-mail \*

---

2. NOME COMPLETO \*

---

3. RG \*

---

4. CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO \*

*Marcar apenas uma oval.*

Não entendi os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. Eu li e não compreendi este Termo de Consentimento, portanto não concordo em participar.

5. Eu YNAÊ COSTA MATIAS membro da equipe do projeto “A formação docente e a modalidade EJA: reflexões de ex-estagiárias sobre a práxis” obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento Livre e Esclarecido do sujeito da pesquisa para a participação na pesquisa. \*

*Marcar apenas uma oval.*

CONCORDO com esta afirmação

NÃO CONCORDO com esta afirmação

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários